

A ESCRAVIDÃO DOMÉSTICA NAS FAZENDAS DO RIO DE JANEIRO A PARTIR DO RELATO DOS VIAJANTES

¹Eric Klaywertt Pedrosa da Silva (IC-UNIRIO); ²Mariana de Aguiar Ferreira Muaze (Orientadora).

1- Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2- Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio financeiro: IC-UNIRIO

Palavras-chave: **Viajantes; escravidão; doméstica; fazendas.**

INTRODUÇÃO

O estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada: "No interior das casas-grandes: escravidão doméstica e relações familiares nas plantations do vale do Paraíba e do Mississippi (1820-1860)". A investigação começou com o mapeamento de vários casos de escravidão doméstica no Rio de Janeiro a partir do relato dos viajantes estrangeiros. Com a chegada da família real à cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX, houve um aumento significativo na presença de viajantes estrangeiros, principalmente europeus, interessados em diversas áreas, como botânica, geologia, além de questões religiosas e filantrópicas. Embora tivessem interesses variados, esses viajantes geralmente documentavam todos os aspectos da sociedade brasileira, incluindo seus costumes, tradições e relações sociais, porém, documentavam principalmente sobre os costumes dos escravizados, seja na capital seja nas fazendas do interior, e enfatizavam o quão peculiar e exótico esses costumes eram na ótica estrangeira. O levantamento das passagens e opiniões dos vários estrangeiros sobre o trabalho dos escravizados na cidade e na província do Rio de Janeiro abarcou o início de minha pesquisa de iniciação científica em março de 2024.

Como forma de embasar metodologicamente os relatos de viajantes, fizemos algumas leituras. No livro "O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem", publicado em 1990, da autora Flora Süssekind reflete sobre a narrativa literária em conexão com formas de representação da identidade cultural brasileira e presta especial atenção à figura do narrador, aos assuntos de viagem e deslocamento. Outro artigo que aborda o relato dos viajantes e nos ajuda a traçar uma metodologia de análise dos mesmos foi escrito por Silvia Cristina Martins de Souza, intitulado "Danças licenciosas, voluptuosas, sensuais....mas atraentes!: Representações do batuque em relatos de viajantes (Brasil – Século XIX)". O texto aborda as representações do batuque, uma dança afro-brasileira, de acordo com os relatos dos viajantes que visitaram o Brasil durante o século XIX. Ela analisa como o batuque costumava ser descrito por viajantes estrangeiros, bem como era percebido e representado nos seus relatos. Muitas vezes, os viajantes associavam o batuque a certas características, como sensualidade, licenciosidade e erotismo, o que parece ser uma mistura de fascínio e preconceito cultural.

A autora argumenta acerca do significado dessas descrições e observa que essas referências, que podem parecer inocentes e excêntricas, revelam o que o brasileiro, e, igualmente, o estrangeiro, pensavam sobre as crenças, costumes ou manifestações populares do povo brasileiro. No entanto, essa análise pode ser complementada acrescentando que as descrições em análise não apenas mostram as percepções de estrangeiros sobre a cultura afro-brasileira, mas também apontam para as tensões e ambiguidades na sociedade Imperial brasileira, afinal, as manifestações culturais dos africanos escravizados eram rejeitadas e, ao mesmo tempo, valorizadas graças à exotização que sofriam. Assumindo uma perspectiva crítica sobre os relatos e considerando seu contexto social e histórico. Martins de Souza descreve como

essas imagens e narrativas formaram estereótipos sobre a cultura afro-brasileira. Assim, nesse artigo, a autora oferece uma compreensão adicional dessas dinâmicas culturais e sociais no Brasil do século XIX e um relato valioso da percepção e interpretação disso por parte dos observadores externos.

A análise dos relatos dos viajantes que visitaram as fazendas do Rio de Janeiro no período em questão revela uma narrativa que muitas vezes estava impregnada de preconceitos e incompreensões culturais. Esses viajantes, vindos de diferentes contextos sociais e culturais, interpretavam os costumes dos escravizados domésticos a partir de suas próprias perspectivas, o que pode ter distorcido a realidade vivida pelos escravos. Em seus relatos, os viajantes frequentemente descreviam a escravidão doméstica como uma forma mais "branda" de escravidão, ignorando ou minimizando as formas sutis e silenciosas de opressão que esses escravos sofriam. Os viajantes estrangeiros também registraram episódios de resistência e autonomia escrava, embora muitas vezes não os compreendessem plenamente. Pequenos gestos de insubordinação, manipulação das tarefas domésticas e a formação de redes de solidariedade entre os escravizados eram formas de resistência que, apesar de não serem sempre reconhecidas como tal pelos estrangeiros, desempenharam um papel crucial na sobrevivência dos escravos. Esses atos de resistência desafiavam as narrativas de que a vida dos escravos domésticos fosse menos opressiva do que a dos escravos dos campos.

Os relatos também oferecem um quadro detalhado das funções atribuídas aos escravizados domésticos, evidenciando uma divisão de tarefas baseada em gênero, idade e habilidades. Mulheres eram frequentemente encarregadas de cozinhar, cuidar das crianças e limpar a casa, enquanto os homens podiam ser designados para funções como cocheiros, jardineiros ou guardiões. A formação familiar, quando permitida pelos senhores, era precária e sujeita a constantes interferências, como a venda de membros da família. Ao examinar esses aspectos nos relatos dos viajantes estrangeiros, fica claro que, embora esses documentos sejam valiosos, eles devem ser lidos com uma compreensão crítica das limitações e preconceitos dos seus autores. As narrativas sobre o trabalho doméstico dos escravizados não apenas revelam a visão dos estrangeiros sobre a escravidão, mas também levantam questões sobre como essas representações influenciaram a memória histórica da escravidão e a luta dos escravizados por autonomia e resistência dentro desse sistema.

OBJETIVOS

- Analisar como os viajantes estrangeiros interpretavam os costumes de escravizados domésticos nas fazendas.
- Pensar as formas de resistência e autonomia escrava nas fazendas a partir dos relatos dos viajantes.
- Elencar as principais funções, idades, gênero, formação familiar, procedência dos escravizados domésticos segundo os viajantes.

METODOLOGIA

O trabalho adotou como metodologia a análise dos relatos de diversos viajantes estrangeiros que vivenciaram o cotidiano em diferentes regiões do Brasil, com ênfase no Rio de Janeiro, tanto na capital quanto nas fazendas do interior. Além disso, foi utilizado o livro da autora Flora Süssekind, *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, para refletir sobre como o relato dos viajantes pode ser utilizado na pesquisa histórica. Por fim, o artigo de Silvia Cristina Martins de Souza, intitulado "Danças licenciosas, voluptuosas, sensuais... mas atraente: Representações do batuque em relatos de viajantes (Brasil - século XIX)", serviu para interpretar como os viajantes estrangeiros percebiam os costumes dos escravos. Além disso, foi feita uma lista prévia dos principais viajantes e, juntamente com a outra bolsista IC, fomos lendo, analisando e fazendo um banco de dados com as principais passagens e suas respectivas páginas, que se referiam ao

tema da escravidão doméstica, seja ela executada no espaço público ou privado.

RESULTADOS

Como resultado da pesquisa, a análise dos diários dos viajantes estrangeiros revelou uma riqueza de detalhes sobre a vida cotidiana dos escravos nas fazendas do interior do Rio de Janeiro, esses relatos descrevem não apenas as funções de trabalho a que eram submetidos, mas também as tradições culturais que preservavam, como as danças e festejos realizados nos dias de descanso, tradicionalmente aos domingos. Além disso, a leitura dos estudos de Flora Süssekind (1990) e Silvia Souza (2011) sobre os costumes dos negros escravizados e a percepção dos viajantes oferece uma visão aprofundada e crítica das dinâmicas sociais da época. Essas obras permitem estabelecer uma análise detalhada de como a cultura afro-brasileira se desenvolveu dentro de um contexto de opressão, resistindo e adaptando-se às circunstâncias adversas, através dessa interseção de fontes, pode-se compreender de forma mais abrangente a complexidade das relações sociais e culturais entre escravos e senhores, bem como a influência desses costumes na formação da identidade cultural brasileira.

CONCLUSÕES

Com base nos resultados obtidos, pode-se concluir que a interpretação dos viajantes estrangeiros sobre os costumes dos escravizados nas fazendas do Rio de Janeiro oferece uma perspectiva valiosa para entender a visão externa sobre a vida cotidiana dos negros no Brasil Imperial. Ao descreverem as atividades laborais, as celebrações culturais e as dinâmicas sociais dos escravizados, esses viajantes documentaram aspectos cruciais que ajudam a compreender como a cultura afro-brasileira era percebida e reinterpretada por observadores externos. A análise dos relatos estrangeiros revela que o olhar desses visitantes não era neutro, mas carregava preconceitos e impressões que influenciaram a maneira como a sociedade brasileira da época entendia e tratava os costumes dos escravizados. Esse olhar contribuiu para reforçar estereótipos mas, por outro lado, despertou uma curiosidade sobre certos aspectos culturais dos escravizados e libertos. A partir destas leituras que nos auxiliam metodologicamente, a análise dos relatos de viajantes são matizadas e serão cotejadas em outra fase da pesquisa com outras tipologias de fontes como cartas onde a escravidão doméstica seja abordada, processos crimes que envolvam escravizados domésticos, narrativas na imprensa, etc. A minha bolsa de pesquisa teve início em março de 2024 e ainda estou numa base inicial do trabalho que, neste momento, está em fase de finalização do banco de dados dos relatos de viajantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anita; MUAZE, Mariana. O Jantar está servido: A cozinha como espaço de cativo no Rio de Janeiro oitocentista. 2020.
- GARDNER, George. Viagens no Brasil. Editora Nacional, 1942.
- KIDDER, Daniel. Reminiscências de viagens e permanências ... Editora Itatiaia limitada; Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MAWE, John. Viagens ao interior do Brasil. Editora da Universidade de São Paulo; Editora Itatiaia Limitada, 1978.
- MUAZE, Mariana. "O que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos?" - serviço doméstico e escravidão nas plantations cafeeiras do vale do Paraíba. Almanack,, n.12, 2016.
- Projeto de pesquisa de iniciação científica: No interior das casas-grandes: escravidão doméstica e relações familiares nas plantations do vale do Paraíba e do Mississippi (1820 - 1860)
- SOUZA, S. C. M. Danças licenciosas, voluptuosas, sensuais....mas atraentes!: representações do batuque em relatos de viajantes (brasil - século XIX). Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá, v. 4, n. 11, 2011.
- Süssekind F. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem, São Paulo, Cia das Letras, 1990.